

Breves apontamentos sociais sobre a reconfiguração do centro da cidade do Porto



20, 21

Consciente da “pluralidade” de situações “que fazem o centro da cidade”, Virgílio Borges Pereira identifica o “envelhecimento (muito frequentemente feminizado), amplamente empobrecido e socialmente excluído”; o desemprego; a crise do edificado e a ausência de agentes sociais como alguns dos problemas que acompanharam a “reconfiguração do centro da cidade do Porto”. Professor do Departamento de Sociologia e Investigador do Instituto de Sociologia da FLUP, Virgílio Borges Pereira apresentou como tese de doutoramento em Sociologia: *Classes sociais e modalidades de estilização da vida na cidade do Porto: classes e culturas de classe das famílias portuenses*.

A cidade do Porto dos últimos anos tem reaprendido a retratar-se como palco de um conjunto vasto de problemas onde avulta a sua nítida componente social.

As tendências gerais são conhecidas. Ao longo das últimas décadas e depois de um período de significativo crescimento, a cidade do Porto conhece, à sua escala, uma severa quebra demográfica; esta quebra demográfica é selectiva (a tendência centrífuga é alimentada sobretudo por adultos-jovens) e tem contornos conhecidos e comparáveis com situações sociais de outras cidades ocidentais (neste e noutros momentos históricos); simultaneamente, a cidade desindustrializa-se e, não obstante as particularidades sociais do Porto quando comparado com o Grande Porto e o Norte de Portugal (genericamente, a cidade tem uma população mais qualificada tanto em termos de capitais escolares como no que reporta à configuração dos activos empregados), o desemprego cresce e as relações salariais desestruturam-se. A cidade permanece densa, continua a ser um importante centro de emprego (nomeadamente, no sector terciário – ele próprio em ampla reconfiguração, nomeadamente ao nível do comércio) e um relevante ponto de passagem obrigatório para uma imensidão de pendularidades diárias. A cidade estrutura-se, igualmente, como uma referência material e simbólica para vastos conjuntos populacionais da envolvente mais próxima e do Norte do País. Contudo, esta dimensão projectada em torno do espaço físico e da memória da cidade não é suficiente para atenuar o relevo dos problemas em torno do seu espaço físico e social presentes. Sabe-se que nem sempre as tendências gerais se traduzem homogeneamente nos territórios. No centro do Porto, nos termos da sua definição geral ultimamente consagrada em objecto de eleição de política territorial, a relação com essas tendências é

diferenciada e é também sabido que a diversidade existe. Assim, ao ensaiar uma breve interrogação em torno da dimensão social dos problemas do centro da cidade do Porto, valerá a pena, mais uma vez, reter a sua pluralidade.

A centralidade portuense comporta histórias diferentes e consagra modalidades alternativas de espacialização do social. Não sendo possível ser exaustivo, é importante reter as diferenças de mundos sociais que separam o núcleo antigo da Baixa e esta das suas imediações, mais ou menos periféricas, que comportam função de residência; também se terão, obviamente, de registar as divisões entre a cidade antiga recuperada (ainda muito pouco recuperada face às necessidades) e a cidade antiga abandonada e esquecida, ou ainda entre os quarteirões esparsamente habitados durante a noite da área central e as ruas mais dinâmicas e criativas, no mix de actividades comerciais e funções diferenciadas de residência, que se encontram em segmentos territoriais sob ampla pressão imobiliária e que, muito dificilmente, encaixam no perfil da zona com problemas (é conveniente não esquecer o imenso potencial atractivo destes segmentos territoriais), ou, no interior de muitos dos quarteirões da expansão urbana oitocentista do centro citadino, a velha e duradoura divisão entre fachadas de habitação pequeno-burguesa e traseiras (e/ou quarteirões inteiros) de ilhas operárias.

Retendo, então, a pluralidade das situações que fazem o centro do Porto, é importante perspectivar as dimensões mais relevantes da reconfiguração social que neste se têm vindo a estruturar. Esta reconfiguração é visível em vários domínios e estará relacionada com a conjugação, em registos variáveis (consoante as freguesias e os quarteirões), de uma crise, não propriamente de preços, mas, sobretudo, do edificado (casas muito antigas, não recuperadas, sem elevador e sem o precioso e inevitável, para efeitos de recuperação, estacionamento automóvel), com a ausência qualificada (no que respeita à idade e à fase do ciclo de vida) de agentes sociais, com a anomização do espaço público (do associativismo à vida do café) e, em determinados casos, da rua e das relações de vizinhança (fruto da sua conquista, real e/ou imaginária, pelo medo).

Este conjunto de propriedades actantes tem protagonismos sociais e está, inevitavelmente, relacionado com as transformações verificadas no interior de segmentos específicos do espaço social citadino. Pense-se no operariado industrial (muitas fábricas desapareceram e os prismas geográficos da procura de trabalho operário, para os que permanecem no centro e ainda se esforçam,



são muito restritos), mas também nas franjas menos qualificadas do emprego de execução no comércio e nos serviços (as lojas também se abatem e o emprego torna-se amplamente precário...). Neste sentido, e entre várias figuras da dominação social vivida como problema, sem dúvida que aquela que, neste momento, mais se destacará no centro da cidade (em particular no núcleo antigo, mas também em determinados contextos de Santo Ildefonso ou do Bonfim) passa pelo envelhecimento sofrido (muito frequentemente feminizado), amplamente empobrecido e socialmente excluído, quer dizer, com generalizado isolamento físico e social, de segmentos muito relevantes da respectiva população. Uma outra figura social problematicamente sentida no centro passa pela vivência do desemprego, da precariedade e da inactividade constrangida em muitos adultos (mais ou menos envelhecidos) para quem, pelas razões já aludidas, não se torna objectivamente e/ou subjectivamente possível encontrar pelo trabalho forma de organizar a vida nos termos para as quais se foi socializado. Igualmente relevante é o modo como se constrói a juventude e a entrada para a vida adulta, em particular, o que resulta de uma difícil relação com a escola e, lembrando as preocupações de muitos daqueles que procuram lutar contra a reprodução de tais situações, o que também resulta de processos cumulativos e variados de desestruturação familiar. Contudo, o que, de um ponto de vista interventivo, talvez seja verdadeiramente fracturante na reconfiguração do centro existente é, por um lado, a noção de que a crise económica e social dos espaços de residência é acompanhada (para alguns será uma das suas causas) pela crise do comércio e dos serviços e, por outro, a noção de que várias das situações vividas se articularão, progressivamente, com uma potencial ausência de diversidade social próxima (diversidade que, mesmo quando relativa e definida por divisões sociais finas na apropriação do espaço, foi, durante anos e anos, uma marca social relevante do centro do Porto). Ora, se atentarmos bem nas propriedades sociais inerentes à reconfiguração em curso verificaremos que, na sua definição, estão propriedades que encontramos regularmente em contextos periféricos determinados, o que, em última análise, nos diz que parte dos problemas do centro são também aqueles que encontramos nas periferias.

VIRGÍLIO BORGES PEREIRA

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E INVESTIGADOR DO INSTITUTO DE SOCIOLOGIA DA FLUP; COLABORA COM A FAUP.

Esta reconfiguração é visível (...) e estará relacionada com a conjugação (...) de uma crise, não propriamente de preços, mas, sobretudo, do edificado (...), com a ausência qualificada (...) de agentes sociais, com a anomização do espaço público (...) e, em determinados casos, da rua e das relações de vizinhança.

